

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JANEIRO/2008 - ANO XI - Nº 132

Fotos arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

Por determinação da Organização das Nações Unidas (ONU), 2008 será comemorado como o “Ano Internacional do Planeta Terra”. O objetivo desse programa é demonstrar o potencial das ciências na construção de uma sociedade mais segura, sadia e sustentada, e encorajá-la a aplicar eficientemente esse potencial em seu próprio benefício.

O planeta Terra abriga atualmente 6.1 bilhões de pessoas, que estão cada vez mais deixando o campo e se mudando para as cidades. A urbanização acelerada, o esgotamento dos recursos naturais, a mudança climática, além da perda da biodiversidade, levam à discussão sobre a sustentabilidade do planeta.

A rapidez do crescimento das cidades nas últimas décadas gerou problemas como desmatamento, poluição atmosférica, falta de saneamento apropriado e ocupação urbana irregular, muitas vezes em locais que deveriam ser preservados como mananciais, margens de rios, terrenos íngremes... O aquecimento global, decorrente do efeito estufa, também concorre para o aumento de desastres naturais como enchentes, maremotos, furacões, que têm aumentado nos últimos anos.

O grande desafio a ser enfrentado neste século é reduzir a quantidade de gás carbônico e de outros gases, buscando-se equilibrar a temperatura.

Todo cidadão deve se informar sobre as condições dos ambientes que o circundam, para exercer a cidadania de forma mais consciente. É importante refletirmos sobre nosso estilo de vida, mudarmos alguns hábitos e adquirirmos outros mais sustentáveis.

Há necessidade de que as questões ambientais sejam priorizadas pelos governos. É preciso adequar o discurso ambiental à prática, de maneira a se promover a sustentabilidade social, cultural, política e ambiental.

Apesar dos grandes avanços no envolvimento da sociedade em questões ambientais, nas últimas décadas, e na conscientização da opinião pública em geral quanto à relevância dos temas ambientais, há muito ainda a ser feito para que o país possa se orgulhar de uma política efetiva nessa área.

O “Ano Internacional do Planeta Terra” é um chamamento para o engajamento de todos os cidadãos, amparados em conhecimentos científicos, para se reverter os danos causados ao Planeta.



Do alto é possível identificar prédios, igrejas, escolas, árvores e monumentos antigos que guardam a memória do povo e elementos de sua identidade cultural, de suas raízes, que devem ser conservadas.

Piquete: uma análise do alto

A grande variação de paisagens que formam o município de Piquete o torna singular aos olhos dos viajantes e de todos que têm o privilégio de conhecê-las.

Cercados pela muralha serrana, somos surpreendidos, ao nos aproximar da cidade, por vistas deslumbrantes e inesperadas. Do alto, uma visão panorâmica deixa o observador maravilhado.

Nesse início de ano, um exercício que todo piquetense deveria fazer é o de observar a cidade do Morro do Santo Cruzeiro. De seu cume podemos observar a cidade e constatar suas belezas naturais. Dessa perspectiva, num ângulo de 360 graus, nossa retina registra, de uma só vez, em um só conjunto, imagens que costumamos ver em separado. Podemos então perceber várias áreas interligadas: ruas, praças, estradas, rios, florestas. A cidade parece ter vida própria. Em frente ao Cruzeiro, a velha matriz de São Miguel e o núcleo urbano principal de onde a cidade nasceu, às margens do caminho de Minas, paralelo ao Rio Piquete. Depois seguimos seu crescimento em direção à Mantiqueira, pelos vales dos rios Benfica e Sertão e, mais tarde, ocupando encostas e áreas de preservação.

Do alto podemos analisar e entender seus principais problemas: o crescimento urbano desordenado, a ocupação de áreas de preservação, a perda da mata ciliar

próxima às nascentes e margens de rios e as consequências desses agravos.

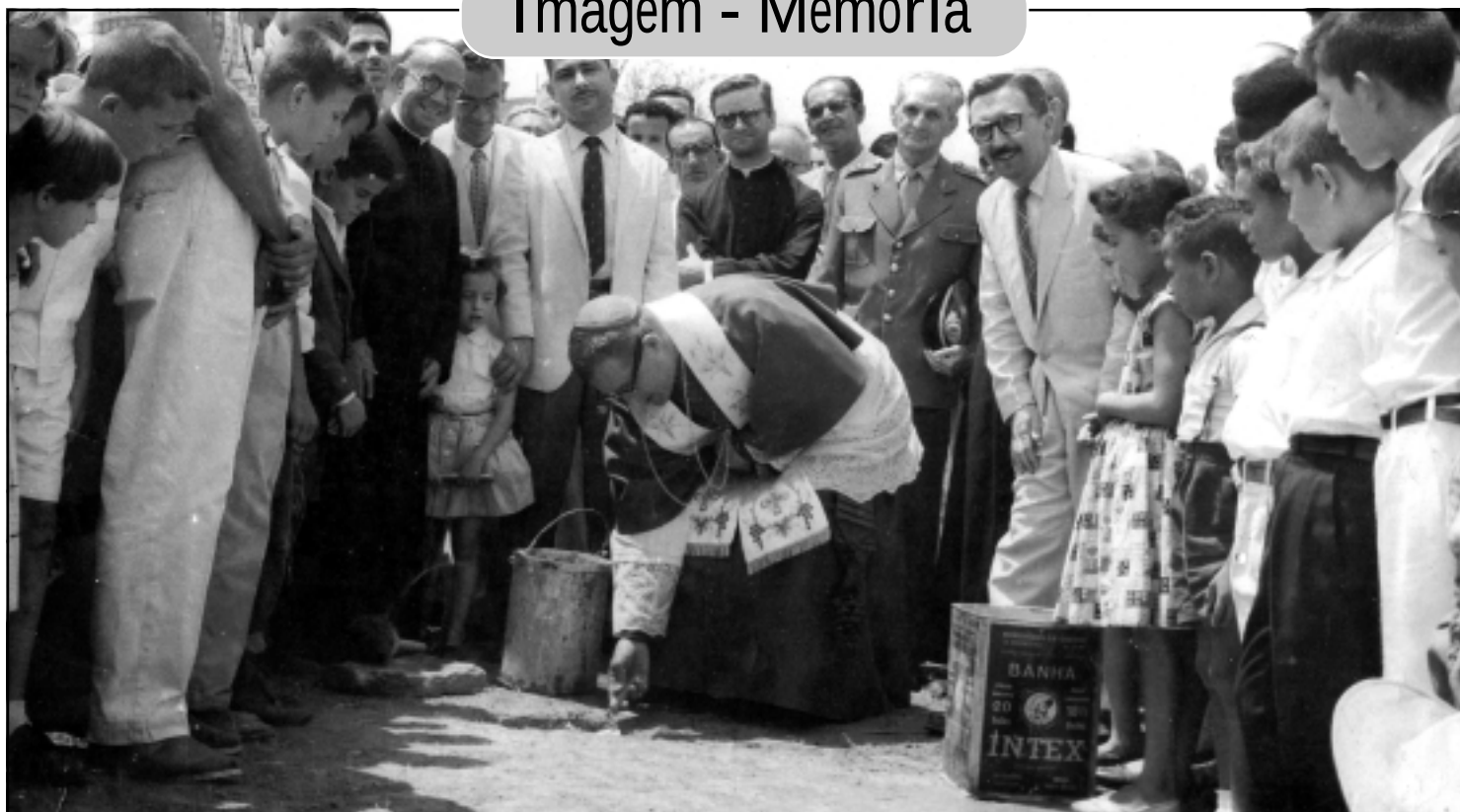
Uma cidade moderna e sustentável, como queremos, que ofereça qualidade de vida para todos é fruto de planejamento. Daí nossa preocupação neste ano em que teremos eleições municipais: a cidade precisa de um planejamento de expansão, ou seja, de um estudo que indique para onde pode crescer. Esse planejamento evita a ocupação de áreas importantes para a qualidade de vida de todos, no futuro. Assim, áreas que contêm nascentes e florestas ou lugares históricos e de grande beleza cênica, por exemplo, precisam ser preservadas.

Ao fazer uma análise minuciosa da cidade vista do alto, podemos identificar prédios, igrejas, escolas, árvores e monumentos antigos que guardam a memória do povo; guardam elementos de sua identidade cultural, de suas raízes, que devem ser conservadas.

Ao analisarmos se a cidade segue algum planejamento, buscamos saber se ela está sendo bem administrada pelos gestores públicos e se estes têm visão de futuro.

Sem perder de vista o patrimônio paisagístico do município, não podemos nos esquecer da vocação natural de Piquete para o turismo. Para tanto, é preciso, cada vez mais, uma relação de respeito para com o meio ambiente.

Imagem - Memória



O bispo D. Melhado de Campos, acompanhado pelo Padre Hiran, assenta a pedra fundamental da nova Matriz de São Miguel, no dia 9 de outubro de 1960, às 11 horas, com a presença de diversas autoridades, entre elas o prefeito municipal Luiz Vieira Soares.

Foto arquivo Pro-Memória

Lançamento de pedra fundamental da Nova Matriz de São Miguel

Construída na segunda metade do século XIX, a antiga Matriz de São Miguel sofreu no seu interior, ao longo dos tempos, algumas intervenções e reformas. Com o crescimento da população de Piquete, principalmente a partir de 1940, ela tornou-se acanhada para abrigar um número cada vez maior de fiéis. Nas cerimônias solenes muita gente acabava ficando do lado de fora. A expansão da cidade e o surgimento de novos bairros tornaram-na distante para muitos moradores. Cogitou-se, então, construir um novo templo, maior, mais arejado e de localização central. Após a procura por um terreno adequado, entrou-se num acordo com o Sr. Antônio Pinho, proprietário de uma chácara na Rua Coronel Luís Relvas. O padre Gabriel Hiran, pároco de Piquete, com autorização da Cúria diocesana, comprou, pelo valor de CR\$ 350.000, o terreno para a construção da Nova Matriz, num local elevado, de maneira a ser vista de toda a cidade.

Marcou-se para o dia 29 de setembro de 1960, quando da festa de São Miguel, o lançamento da pedra fundamental, que seria feito pelo Bispo diocesano, D. José Melhado Campos, recém-empossado em Lorena. Havia por parte da comunidade católica piquetense uma expectativa para esse evento que fazia parte da programação da festa. No entanto, isso não aconteceu, para frustração de todos. O tempo que vinha excelente havia dias, amanheceu, naquele 29 de setembro, chuvoso, e assim continuou por todo o dia. A programação elaborada pelos festeiros foi cumprida à risca, menos o lançamento da pedra fundamental, que ficou marcado então para a semana seguinte, quando D. Melhado Campos retornaria a Piquete para visita pastoral. Para essa visita foi elaborada extensa programação, da qual

constou, além da crisma e ofícios religiosos, uma visita à parte social da FPV e às obras da Santa Casa, Sessão Solene na Câmara Municipal e o lançamento da pedra fundamental da Nova Matriz de São Miguel.

À Sessão Solene realizada pela edilidade compareceram autoridades civis, militares e eclesásticas. No edifício em que funcionavam a Prefeitura e a Câmara instalou-se a Sessão. O presidente, vereador Alony O. Soares, abriu os trabalhos passando a palavra para o vereador José Armando de C. Ferreira que, com um bem elaborado discurso saudou o homenageado. Franqueada a palavra, falou o Prefeito Luís Vieira Soares. Discursou também o professor José Carlos Ribeiro da Silva. D. José Melhado Campos proferiu um discurso concitando todos a trabalhar de mãos dadas para o engrandecimento de Piquete e da religião, lutando pelo bem-estar do povo.

Encerrada a Sessão, à saída do edifício, o vereador Gabriel Benfica Nunes falou ao Bispo do desejo e disposição de todos para erguerem a Nova Matriz. D. Melhado Campos demonstrou compreensão e desejo de aquiescer ante a vontade e o bom senso. O lançamento da pedra fundamental, que havia sido suspenso, acabou acontecendo no domingo, dia 9 de outubro, às 11 horas, com a presença de todos que estavam naquela reunião, mais um grande número de paroquianos. Após a cerimônia do lançamento, as autoridades se dirigiram para o Salão da Banda, onde foi servido um almoço. O assunto foi a construção da Nova Matriz.

A partir da pedra fundamental, houve um grande movimento por parte dos paroquianos para a ereção do novo templo. O casal José e Carmem Amoroso abraçou a causa. Constituiu-se, de imediato, uma comissão de senhoras, tendo à frente como

tesoureira D. Carmem, e D. Maria José Soares presidente de honra, que elaboraram um Livro de Ouro e em pouco tempo prestaram conta para o padre Hiran da quantia de CR\$ 157.000. Os congregados marianos passaram a contribuir mensalmente com pequenas quantias, doação que se estendeu a inúmeras famílias da comunidade. Cada um contribuiria com o que pudesse, desde que não afetasse o orçamento doméstico.

Em contato com o arquiteto Prometeu da Silveira, o Dr. José Amoroso dele conseguiu um projeto para a construção da Nova Matriz, o que foi feito em pouco tempo, após ele receber no Rio de Janeiro uma planta do terreno, com a localização da pedra fundamental, elaborada pelo Sr. Dogmar da Costa Ribeiro.

Em março de 1965, o padre Hiran afastou-se da Paróquia de São Miguel, por problemas de saúde, sendo substituído pelo padre Joaquim Passos, que continuou a obra. A Matriz de São Miguel foi inaugurada em 27 de janeiro de 1970, tendo como pároco o padre Pedro Verdumen.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Dona Carolina Lima

No dia 26 de agosto de 1917, nascia no bairro dos Marins Carolina Ferreira de Lima, filha do casal Pedro Vicente Ferreira e Maria Rosa de Lima.

Por muitos anos a família morou em terras da fazenda Santa Lúdia, de Antônio Pelúcio, no bairro do Itabaquara. O pai, pequeno agricultor, plantava café, milho, arroz, feijão, cana, e também criava porcos. A família residia numa casa grande com muitos cômodos: fartura de alimentos e as tulhas sempre abarrotadas com produtos da lavoura. Uma vez ao ano, após comercializar a colheita, todos iam até Aparecida agradecer a Nossa Senhora o ano de trabalho.

Um episódio marcante na vida de dona Carolina foi a Revolução Constitucionalista de 1932. Ela mantém viva na memória diferentes momentos daquele conflito em Piquete. O prefeito na época era o Antônio Pelúcio. Com a eclosão do movimento e a chegada das tropas constitucionalistas e a ocupação da Fábrica de Pólvoras, muitas famílias se refugiaram em sítios e fazendas. Em sua casa foram abrigadas mais de 50 famílias. Era tanta gente para alimentar, que foi necessário construir um imenso fogão num rancho junto à casa.

Certo dia, avistaram ao longo da estrada do Itabaquara uns soldados rondando a região. Logo chegaram à sua casa. O pai trancou as filhas num quarto, mas os soldados pediram-lhe para libertá-las. “Não precisa fechar as filhas, disseram eles. Nós também temos família e estamos morrendo de saudades...” Eram muito jovens, quase meninos. Estavam com as roupas rasgadas e dona Carolina e as irmãs remendaram muitos uniformes desses soldados. Ficaram alguns dias acampados próximo à sua casa. Com os refugiados aumentou o consumo de alimentos. O pai ficava horas moendo cana para, com a garapa, coar o café. Era tanta gente, que quase não davam conta.

Durante a Revolução, à noite balas riscavam os céus. De sua casa ouviam o matraquear das armas na serra. Dona Carolina conta que viu soldados mortos na área de Piquete e que foram sepultados às margens da estrada. Nas últimas semanas do conflito, com a aproximação das tropas federais, parte da população e operários se deslocaram para São Paulo. A cidade ficou



vazia. O medo atingiu a todos. Era um tempo de incertezas. Contavam muitas histórias. As poucas pessoas que estavam em Piquete correram para as roças e os que estavam em sua casa, no Itabaquara, se esconderam numa matinha próxima e se salvaram, segundo Dona Carolina. Aos poucos foram retornando para a cidade. Muitas casas haviam sido saqueadas. Foi um período de carência. Apesar de tudo, a cidade voltou ao ritmo normal.

Dona Carolina disse que Piquete dos anos 30 era muito pobre, nem padre tinha, não havia nada, só passou a se desenvolver a partir da década de 1940. Por essa época ela mudou-se para a cidade e foi morar com a família de Henrique e Dinha Masiero, na casa nº 2 da Avenida Gomes Carneiro. Passou a fazer parte da família, ajudando a criar todos os filhos do casal, tornando-se madrinha das crianças. Saiu de lá casada. Era uma casa muito animada. Seu Henrique era músico e Dona Dinha, além de costurar para ajudar no orçamento doméstico, tinha uns pensionistas. Por essa época, moravam em sua casa alguns jogadores do Esporte Clube Estrela: Edward, Muriaé, Zico, Montenegro... Nos fins de semana, além de

assistir aos jogos do Estrela, Dona Carolina gostava de namorar e dançar no Grêmio General Carneiro. Não perdia um baile. Por essa época conheceu José Pereira de Lima, que veio de Caçapava para trabalhar na Fábrica Presidente Vargas. Namoraram quase cinco anos e se casaram. “Eu já estava com quase 30 anos...”, diz Dona Carolina. Tiveram dois filhos, José Carlos e Iracema Lima, e quatro netos. Hoje, com mais de nove décadas de vida, mantém a memória ativa e privilegiada, o que lhe facilita nos contar saborosas passagens de

Família de seus compadres Henrique e Dinha Maziero, com quem Dona Carolina morou e trabalhou desde a adolescência.



Piquete de muito tempo atrás.

Promessas...

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

“Começar de novo, e contar comigo. Vai valer a pena ter amanhecido...”

Os versos de Ivan Lins e Victor Martins resumem muito bem as promessas de início de ano.

É sempre um recomeço, um marco para novas atitudes. É preciso, porém, que façamos nossa parte. O “contar comigo” é essencial. Não basta elaborarmos promessas se não houver força de vontade e coragem para enfrentar os desafios que, no futuro, garantirão o cumprimento das promessas e os frutos advindos dessa conquista. Também não bastam promessas simples, sem desafios, fáceis de serem cumpridas. Nesse caso, estaremos nos enganando.

Promessas visam sempre a uma melhoria. Ninguém promete algo que vá piorar alguma situação. Assim, uns prometem estudar mais, perder peso, economizar... O fundamento das promessas pessoais de final de ano é que elas servem para que nos cobremos de atitudes que proporcionarão algo de bom a nós mesmos. Portanto, ao cumpri-la, os beneficiados somos nós mesmos. Essas promessas exigem tarefas que dependem exclusivamente de nosso empenho pessoal. Se não nos empenharmos, os prejudicados também seremos nós.

Vamos fazer diferente esse ano?

2008 já chegou. É mais um ano em que faremos valer nosso direito de voto, nosso direito de cidadãos. Proponho que prometamos mudar nossas vidas por meio de um voto consciente. Dessa forma, uma promessa pessoal tornar-se-á coletiva. Se a cumprirmos, o resultado será algo de bom para nossa comunidade, para nossa família, para nossos amigos...

Prometer e cumprir é sinal de nobreza... “Palavra dada, palavra empenhada” diz um velho ditado. Empenhemos nossa palavra com nós mesmos. Vamos prometer um voto consciente nas próximas eleições. Mas vamos cumprir. Empenhemo-nos para cumprir essa promessa analisando os candidatos, estudando sua vida, seus valores, seus hábitos...

Promessa feita, façamos uma análise ao final de 2008. Se votarmos bem, certamente, atingiremos mudanças. E mudanças, quando planejadas e analisadas, trazem melhorias. Essas melhorias irão comprovar que valeu a pena ter amanhecido 2008 com uma promessa pessoal que proporcione resultados coletivos. Vamos lá! Entremos nesse novo ano com novas e coletivas promessas.

Memorial dos Moradores de Piquete - 22

Mascote

*Em que dias de mistérios
Se esconde essa figura
brotada do chão da terra,
qual lampejo aventureiro?*

*Qual denúncia mascarada
dos eventos passageiros,
que fazem da vida marcas,
definindo qualidades
do solitário e solteiro?*

*O povo o apelidava.
Os meninos o apedrejavam.
As meninas riam dele.
E ele?*

*Lá ia ele, o corpo frágil, se via,
de homem que só sabia
gostar da banda, e sorria
de ouvi-la tocar. Comovia-se.*

*De todos, pedia pouco.
De si mesmo, quase nada.
Do refrão que lhe aplicavam,
Pela vida modulava,
no passo gingado e mole,
o ritmo, a rima, o mote.*

*"Mascote sem dote,
Não tens quem te eduque.
Se não te comportas,
te dou uma sova,
de duro chicote!"*

*A chacota repetiam.
Enquanto ele, lá ia.*

Mascote, quem sabia seu nome verdadeiro?

Mais conhecido pela alcunha, era amigo de todos. Esta alcunha lhe era atribuída por seguir sempre a banda. Recebido nas casas, davam-lhe almoço, café, bolinhos, agra-dos... Provavelmente problemas mentais deixavam-no à mercê de outros.

As crianças riam dele, espantadas com o homem solitário, esquisito e tão frágil. A impressão de que um vento mais forte poderia carregá-lo. Mas os impiedosos moleques, além de tratá-lo com chacotas, o ameaçavam com pedras. Isto porque ele ficava enraivecido com a maneira provocativa que lhe era proposta pelos irreverentes. Constava ser ele membro de boa e conhecida família, que não o reconhecia pelas deficiências mentais e comportamentais. Como viveu, via-se. Era participante do território da exclusão e da marginalidade.

Um dia, fraquinho, morreu. Como foi que morreu? Do Mascote ficou-me uma imagem da fragilidade humana a ser reconhecida pela carência da piedade. Imagem viva, reconhe-cida e não esquecida. Andava limpo, vestido de terno, escuro em geral, nem sempre combinado. A calça de um, o paletó de outro. Calçado, e com chapéu, às vezes. Descoberta a cabeça ao entrar em casa, mostrava os ralos cabelos embranquecidos e a pele amarelada como os velhos papéis esque-cidos nas gavetas da memória. Sem sol e sem vitalidade. Apreciavam-se bem os ricos, bonitos e poderosos. Aos pobres e humil-des, como Mascote, cabe apenas a chacota da promessa do chicote.

Dóli de Castro Ferreira



Notas da Cidade

✓ **Exposição de Presépios da FCR**

A Fundação Christiano Rosa promoveu, em dezembro de 2007, mais uma edição de sua **"Exposição de Presépios"**. O rico acervo de peças, composto por trabalhos de diversas regiões do país, ganhou cenário do piquetense Luciano Dogmar Brasilino. Muito elogiada, a cenografia permitiu uma ambientação especial para peças de Luciano Almeida, antigo colaborador da FCR, do taubateano Décio Carvalho, e das figureiras de Taubaté, dentre outros.

A exposição ficou aberta entre os dias 20 de dezembro e 06 de janeiro, e atraiu diversos visitantes.

✓ **Festa de Reis da Vila Barão**

Coordenada por José Custódio (Zé das Moças), aconteceu entre os dias 3 e 6 de janeiro a já tradicional Festa de Reis da Vila Barão. Tendo como maiores colaboradores Sérgio Gonçalves, Zilda Soledade Custódio e Benedita Faustina, a festa contou com apresentações de uma Folia de Reis, da Barreira, de jongo, capoeira e duplas sertanejas. No dia 06, houve missa de Reis, na igreja de São Benedito, e congada.

Apesar das fortes chuvas, Zé das Moças garantiu a realização da festa, como vem fazendo há mais de 20 anos. Parabéns!

✓ **29ª Queima de Fogos**

Coordenada pela ACIAP, a 29ª queima de fogos, no final do ano de 2007, foi um sucesso. O evento foi realizado graças ao apoio da população que, ao longo do ano, colaborou financeiramente, permitindo a arrecadação de R\$ 8.500,00.

A ACIAP agradece à comissão organi-zadora composta por Oswaldo Peixoto, Maria Regina de Lima, Ana Paula, Celso Colombo e Anderson "Sugala" Di Marchi. Sugala e os companheiros Jorge, André, Moisés, Francisco, Benedito e Douglas foram os responsáveis pela montagem e queima dos fogos. Também à Prefeitura, que forneceu suporte técnico e equipamentos.

A Fundação parabeniza a organização e conclama a população a continuar colabo-rando, para que seja possível manter essa bonita festa em nossa cidade.

✓ **Faislândia**

O **"Oratório Domingos Sávio"** de Piquete convida para a Faislândia, que será realizada entre os dias **14 e 26 de janeiro**, das 13h às 17h, para crianças, e a partir das 18h, para jovens e adultos.

Chegou o Carnaval...

Neste ano o Carnaval acontecerá nos primeiros dias de fevereiro. O Brasil todo se movimenta para esta que é a sua mais importante festa popular. Por todo o mundo, o Carnaval reveste-se de caracte-rísticas próprias, segundo o lugar em que ocorre, mas não tão animado quanto no Brasil.

Ao longo dos tempos, houve uma modificação na maneira de se brincar o Carnaval. Em Piquete, no final do século 19, já havia Carnaval: o entrudo, brincadeira em que as pessoas jogavam farinha, água e tinta umas nas outras. Na década de 20 do século passado, surgiu nosso primeiro

bloco organizado: o "Flor do Indaiá". Nessa mesma época eram realizados bailes em casas de famílias tradicionais. Depois, surgiram os bailes carnavalescos no Cine Glória e, com o surgimento dos clubes sociais e recreativos, passou a ser feste-jado nos salões, com muita serpentina, confete e lança-perfume. Durante todos esses anos, a parte mais animada e irreve-rente podia ser vista nas ruas, com blocos de "sujos", mascarados que aguçavam a curiosidade das pessoas, e o tradicional "boi-de-carnaval", construído de taquara por jovens e crianças, que agitavam o Carnaval da cidade.

Fotos arquivo Pró-Memória



Tributo a José Luiz Pasin

“...Quero ficar no teu corpo como tatuagem, para lhe dar coragem para seguir viagem quando a noite vem”. A música me lembra o mestre e amigo Pasin nos encorajando para seguir viagem. Esta talvez seja a melhor forma para defini-lo em minha vida. O mestre que encorajou a percorrer o caminho da busca pelo conhecimento, da pesquisa, da prospecção, do valor do patrimônio histórico, cultural e ambiental. Abriu-nos a visão para alcançar horizontes meândricos.

Volto no tempo e recomponho a imagem que ficou na lembrança de uma estudante extasiada diante do monumento de cultura e conhecimento, para ela inatingível. Encantada com o mestre tão jovem e de modos gentis. Diante do quadro negro, com olhos brilhantes, criava viagens pelos períodos da história, permitia-nos conhecer particularidades de seus personagens, levando-nos a gostar de estudar e ao desejo de conhecer mais e mais, a analisar os fatos, refletir sobre eles e correlacioná-los na conjuntura em um tempo preciso. O uso

freqüente do francês lhe conferia um charme. Parecia-me um príncipe. Aliás, nunca deixou de o ser.



O impacto da primeira aula... Sua voz, sua generosidade, seus gestos, sua finesse e seu olhar de cumplicidade, como se conhecesse nossos segredos. O primeiro convite recebido para uma festa em sua fazenda nos fez ficar sem dormir, imaginando o grande dia. Depois, os saraus que entravam pela noite a dentro, as conversas no salão, as apresentações artísticas na senzala... A primeira excursão a Paraty, seu

grande amor, os passeios na madrugada pelas ruas de pedras, que terminavam quase sempre no píer do porto, à espera do nascer do sol. A cultura que fluía pelos lábios do professor que fez da profissão sua vida.

Por diversas ocasiões nossas vidas se cruzaram. Era sempre uma alegria imensa estar com ele. Sentia profunda satisfação quando alguém me transmitia um abraço por ele enviado. Meu coração agradecia e transbordava de felicidade. Sempre guardei com carinho a dádiva de ter merecido sua amizade.

Diante de seu esquife, contemplo-o inerte, enigmático, tranqüilo. Sereno. Como quem partiu com a certeza do bom viver. Olho à volta e encontro pessoas que estavam com ele quando o conheci no verão de 1968, e que, de momento em momento, enxugam lágrimas causadas pela perda do príncipe Pasin.

Mestre, que nesta hora, as almas de seus amigos, tatuadas com sua imagem, lhe dêem coragem para seguir a derradeira viagem.

Teca Gouvêa

200 anos da chegada de D. João VI ao Brasil

O Brasil prepara-se para as comemorações dos duzentos anos da chegada ao Rio de Janeiro de D. João VI e da corte portuguesa fugindo da invasão napoleônica na Península Ibérica.

A chegada ao Brasil

Depois de 54 dias de viagem, a família real chegou a Salvador, na Bahia, tendo sido recebida pelo então governador João Saldanha da Gama

Essa data está sendo importante para revisarmos o papel desempenhado pelo filho de D. Maria I e as conseqüências dessa viagem para o Brasil que, naquela época, ainda não era uma nação.

Reprodução

D. João VI e a princesa Carlota Joaquina



Em termos políticos, o principal avanço foi a elevação da então colônia ao status de vice-reino. No plano econômico, foram registradas mudanças positivas, como a abertura dos portos às nações amigas, a criação do Banco do Brasil e o surgimento de um novo mercado consumidor aquecido pela presença maciça dos funcionários da Coroa e da aristocracia “imigrante”. O Rio de Janeiro transformou-se em importante centro financeiro-comercial. Havia toda uma condição favorável, interna e externa, à prosperidade. No entanto, a estrutura colonial e práticas já anacrônicas nas monarquias mais modernas, como o confisco das melhores casas da cidade para residência dos nobres – uma espécie de aparelhamento e posse compulsória do Estado sobre bens privados –, prejudicaram o potencial de expansão e modernidade.

Estudar esse período histórico é fundamental para entendermos um pouco do Brasil. Para este bicentenário, diversos historiadores estão se debruçando sobre documentos e livros fazendo uma releitura sobre o período joanino. Estão redescobrendo a figura de D. João VI, vista até então de maneira caricata. No entanto, analisando-se seu trabalho, identifica-se um grande estrategista, que driblou as tropas de Napoleão Bonaparte em sua guerra de conquistas na Europa. Por esse motivo, recebeu de Napoleão a seguinte citação: “...foi o único a me tapear em todos os tempos!”

Curiosidades

♣ O Navio Medusa, avariado por diversas tempestades, foi o primeiro a aportar no Brasil. Chegou a Recife, no dia 13 de janeiro, dando notícia de que Dom João VI se aproximava do continente. A outra parte dos navios seguiu diretamente para o Rio de Janeiro.

♣ Salvador, a primeira escala da família real no Brasil, não constava do roteiro inicial. A frota de Dom João, escoltada por navios britânicos, rumou para a capital baiana porque estava sem suprimentos. Ainda em alto mar, foi enviada, pelo governo pernambucano, uma embarcação com mantimentos para a família real – a principal atração foram frutas tropicais como a pitanga e o caju.

♣ O desembarque em Salvador aconteceu por volta da 16 horas do dia 22 de janeiro de 1808. A nobreza foi recebida com festa improvisada, caracterizada principalmente por uma procissão de carruagens com a família real, sob o som dos sinos das igrejas.

♣ Além da abertura dos portos às nações amigas, o príncipe regente determinou a construção da Escola Médico-Cirúrgica em Salvador.

♣ A frota real partiu de Salvador no dia 26 de fevereiro.

Crônicas Pitorescas

As plantas curam...

Palmyro Masiero

Andava com problemas no estômago. Conversando com o Mineiro, um conhecido, disse-lhe que talvez fosse procurar um médico. Ele desestimulou este boa gente aqui no ato:

– Deixa de ser burro! Você vai pagar um dinheirão pela consulta, vai sair com uma receita de deixar carteira a nocaute, tomar um monte de remédios que mais tarde serão incluídos entre aqueles que são proibidos, sua dor de estômago pode passar, mas em compensação vai estragar outro órgão e ainda aposto que irão mandar você tirar chapa do bucho. E, se pagar bobeira, eles lhe cortam!

O Mineiro não botava fé na moderna medicina. A velha desconfiança mineira... Aconselhou-me:

– Faça um tratamento com plantas medicinais. Conheço um conterrâneo velhinho que sabe de tudo e garanto que alguns chazinhos e estará curado. Olha, como você não está fazendo nada, nem eu também, amanhã cedo nós vamos dar um pulinho até à casa dele.

Manhã seguinte apanhamos o carro, saímos da cidade e passamos por caminhos nunca dantes automovados e chegamos a uma casinha pequena, simples e singela, entre grandes árvores, e já avistamos o ancião sentado num banquinho de madeira, pitando a velhice. Após as apresentações, contei-lhe de meus males estomacais.

“Voismicê pega um pouco di casca-di-anta, ferve bem e adispois vai tomanu cumo chá. Issu arresorvi di vez”.

Andamos tanto e só isso? Uai – pensei alterosamente, eu já com dor de estômago e ainda agüentar uma casca-de-anta! Paciência! Escrevi na caderneta que levava a sua receita. Mas, pensando melhor, já que estava ali e a consulta gratuita, o negócio era aproveitar a ocasião. Falei-lhe que às vezes tenho problema no fígado, também.

“Voismicê cuzinha casca de flô-di-corar i toma cumo chá”.

Melhorou. De casca-de-anta para flor-de-coral, a medicação estava ficando mais suave. Tomei nota.

– Sabe, “Nhô” Dito – disse-lhe –, minha pressão de vez em quando sobe um pouco...

“Voismicê faiz um chá di seti-sangria i toma normar”.

Também, conversamos, com sete-sangrias não há pressão que resista!

Comecei a apelação. Com idade chegando e a gente aprontando, uma prevenção é muito válida:

– Tenho uma vida muito atribulada, “Nhô” Dito, e tenho medo de um enfarte.

“Óia, meu fio, pega umas foias de cocreária e comi cumo salada, misturada cotras verdura... Só foia fresca!”

– Cocleária – traduziu-me o Mineiro. Eu canetando tudo.

– Quando tomo umas e outras, “Nhô” Dito, sinto dificuldades em urinar...

“Faiz um chá di raís de mir-home i toma treis caneca pur dia”.

Será que o velho estava tirando sarro com minha cara? Chá de mil-homens?! Um já é purgante! Como ele conservava um semblante sério e compenetrado, achei por bem anotar aquilo, por via das dúvidas. Arrisquei um último mal para que ele não pensasse estar falando com um quase defunto ambulante. Certos problemas nas articulações quando há mudança de tempo.

“Voismicê toma um chazinho pur infusão i adispois cuzinha toda a pranta i toma banhu nela”.

– Senhor não disse o nome da planta, nhô Dito – lembrei-lhe.

“Andu mei isquecidu... É catinga-di-mulata”.

Claro que eu merecia aquilo! Depois de um chá de mil-homens só mesmo catinga-de-mulata para sanar meus males. E onde conseguir tudo isso?

“In quarqué matinh...”

Não encontrei uma panacéia, mas saí com um memento terapêutico de fazer inveja! De acordo com “Nhô” Dito, em qualquer matinho eu encontro as tais plantas receitas; mas diabos, não faço a menor idéia de como elas são! Sei que tem gente que conversa com plantas, mas jamais soube de planta que respondesse. Imaginem se isso acontecesse!

Eu, adentrando o mato qualquer e chegando junto a uma arvorezinha, perguntar-lhe com todo respeito:

– Desculpe... Por acaso a senhora é uma catinga-de-mulata?

E a “Stachys fluminensis”, da família das Labiadas, desconhecendo o apelido lhe imposto, mandar fogo:

– Catinga quem tem é tua avó!

Com o impacto, terminaria num médico... Psiquiatra!

Brucutu

Edival da Silva Castro

Hamilton Lefundes Tanajura, vulgo Brucutu. O apelido foi-lhe bem posto, serviu para o nome fantasia da firma: Bar do Brucutu.

Há quase meio século, o Brucutu vem servindo simpatia e vendendo lazer. Pelas mesas do seu bar já passaram algumas gerações, e elas, garanto que já falaram de tudo: de amor, política, futebol e paixões inconseqüentes.

Seu modo e jeitão de atender os fregueses fizeram-no campeão do ramo.

Quem gosta duma domingueira ou aprecia uns drinques na noite, é somente servir-se da destreza e competência dele. Os petiscos são peculiares.

Ele tem mil e tantas histórias pra contar. Nesta eu estava lá:

“Certa noite, o bar era na Rua do Piquete, eu e alguns amigos saboreávamos ensopado de frango quando chegou um mauricinho.

– Oi, pessoal! Reunião apetitosa essa!

– É. Aproveita e dá uma beliscada, alguém falou.

Ele pegou um guardanapo e um pedaço de pão, deu uma molhada no ensopado e levou-o à boca. E fez hum... mesmo mastigando.

– Que ensopado delicioso! O que é isso, gente?

– Ah, franguinho na panela! Molha o pão outra vez.

– Hum... , agora vou pegar um pedaço.

Deu uma garfada no meio da travessa e subiu com um naco de carne. Levou-o à boca. Mastigou, mastigou e ingeriu.

Detrás do balcão, o Brucutu olhava e ria de revés.

Quando o mauricinho se despediu e se encaminhava pra sair do bar, alguém falou em voz alta:

– Ei, Brucutu! Qual era a cor do gato?

A resposta foi de imediato:

– Pra que você quer saber, não vai mudar o sabor do ensopado!

O mauricinho estava com um dos pés na rua, mas ao ouvir que o ensopado era se gato, voltou e correu ao banheiro. Do salão escutava-se o coitado chamar o juca. E na troça, alguém falou:

– É... O gato está indo por água abaixo.

O Brucutu, pressentindo o agravamento da situação, correu pra socorrê-lo.

A risadagem foi pouca pra conter a rapaziada.

Não demorou muito, ele saiu do banheiro como foguete, passou por nós, sem contudo agradecer.

Assim é a vida dum butequeneiro: muito trabalho e bastante diversão.

Brucutu – pessoa da melhor qualidade.

Se você não encontra o sentido das coisas é porque este não se encontra, se cria.”

Antoine Saint-Exupéry



Acesse, leia e divulgue
o informativo

“O ESTAFETA”

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

A propriedade privada é uma convenção que pode ser quebrada

A estrutura capitalista, que atualmente organiza nosso mundo, está embasada numa grande inversão de valores que geralmente nos passa despercebida. O direito à propriedade tornou-se mais significativo que o direito ao uso dos bens necessários à vida. Aos poucos, foram se criando diversas leis e regras que garantem o direito à posse, em detrimento da igualdade de acesso a bens vitais para a humanidade. A proteção da propriedade privada tornou-se tão sagrada, que poucos ousam questioná-la. Talvez seja este o mais poderoso dogma de nosso tempo.

Hoje, em nosso país, o MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) é uma das maiores expressões de resistência à ideologia do culto à propriedade como valor supremo. Existem alguns bens que não podem ser totalmente privatizados, como a terra, o alimento, a água e outros que são necessários à vida.

A propriedade particular de um bem é legítima quando há real necessidade para a sobrevivência, ou quando a posse não priva outros seres humanos de bens igualmente necessários. No Brasil, 53 milhões de

pessoas estão abaixo da linha de pobreza, isto é, não possuem renda suficiente para cobrir os custos mínimos de manutenção da vida humana: alimentação, moradia, transporte e vestuário. Neste grupo, 23 milhões são ainda mais vulneráveis: estão abaixo da linha de miséria, em estado de indigência, e 45% desse contingente de miseráveis possuem menos de 16 anos de idade, muitos condenados ao analfabetismo, à desnutrição, à mortalidade infantil e a todos os males gerados pela miséria. Num país de tanta inacessibilidade aos bens vitais, o acúmulo de riquezas e de propriedades, que priva milhões de brasileiros da inclusão social, é escandaloso e imoral.

A luta do MST, bem como a de outros movimentos sociais, é justa e totalmente legítima. Quando os trabalhadores invadem uma terra, estão dizendo à sociedade que não aceitam a injusta privatização de bens que, na verdade, pertencem a todo o povo brasileiro. A propriedade particular é uma convenção que pode ser questionada e transformada de acordo com a necessidade da coletividade. Muitas vezes, o direito à propriedade deve ser desconsiderado para

que seja respeitado o supremo direito à vida.

Há alguns anos, o então Ministro da Saúde, José Serra, deu-nos um belo e corajoso exemplo de respeito ao direito à vida sobre o direito à propriedade, quando quebrou as patentes de medicamentos que compõem o coquetel contra a AIDS, favorecendo inúmeros portadores do vírus HIV.

O povo da Bíblia também teve de aprender que o direito à vida está acima do direito à propriedade: após sair do Egito, lugar de escravidão, o povo sem terra, conduzido por Deus, invadiu terras, nas cidades-estado da Palestina. A terra onde corre leite e mel, antes da chegada dos hebreus, palavra que etimologicamente pode significar ladrões, era território dos cananeus, heteus, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus, conforme narra o livro do Êxodo, nos versículos 8 e 9 do terceiro capítulo. Ainda assim, os hebreus conse-guiram, nessa terra, espaço para começar a habitar.

Termino com as palavras do saudoso D. Helder Câmara, querido profeta e bispo de Olinda, que são muito atuais: “propriedade privada, propriedade privante.”

Pe. Fabrício Beckmann

Áreas de Preservação Permanente: uma solução viável

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Piquete possui um território com cerca de 176 Km² e uma população de 14.476 habitantes. Nele encontramos um relevo bem acidentado: presença de elevadas altitudes, tais como o Pico dos Marins e o Focinho de Cão, espécimes de montanhas alcantiladas; variedade de terrenos com declividades superiores a 45°. A extensão territorial do município está distribuída em duas importantes bacias hidrográficas, a do Limeira e do Piquete, juntamente com a maioria de suas respectivas sub-bacias.

Em função da geografia local, o município possui 61,9% de sua área classificadas, segundo a lei 4.771/65 do Código Florestal Brasileiro, como Áreas de Preservação Permanente (APP's). As APP's são áreas protegidas nos termos da lei, em âmbito federal. Toda paisagem situada no território nacional, que possua características por elas definidas, é considerada intocável e classificada como direito difuso. Quem degradar ou puser em risco a estabilidade e o equilíbrio ambiental dessas localidades estará em desacordo com a legislação vigente e correrá risco de ser penalizado pelos órgãos ambientais ou pelo Ministério Público.

Historicamente, a cidade cresceu às

margens dos seus rios e córregos. Consequentemente, quase toda sua população tem moradias inseridas na bacia hidrográfica do mesmo nome. O rio Piquete tem suas nascentes na Serra da Mantiqueira, próximo ao bairro do Benfica, a cerca de 1.700 metros de altitude. Ele é formado pela confluência de outros dois, o Sertão e o Benfica, e é um importante afluente da margem esquerda do Rio Paraíba do Sul. Anualmente, no período chuvoso, que se estende do início de outubro a abril, a cidade sofre com as enchentes. Durante esse período os seus tributários sofrem cheias de curta duração, porém violentas, causando prejuízos materiais e ameaça à vida dos munícipes. São constantes nessa época do ano os deslizamentos de encostas, inundações, desmoronamento de casas e outros danos.

A grande maioria dos problemas enfrentados nessa época é causada pelo descumprimento da legislação. A falta de planejamento urbano, de fiscalização e de conscientização da população sobre a importância da preservação dos ambientes naturais favorece a ocupação das margens dos rios e a degradação de outras Áreas de Preservação Permanente. Os autores de agravos ambientais na maioria das vezes tentam se justificar afirmando que a ilegalidade foi em prol do progresso.

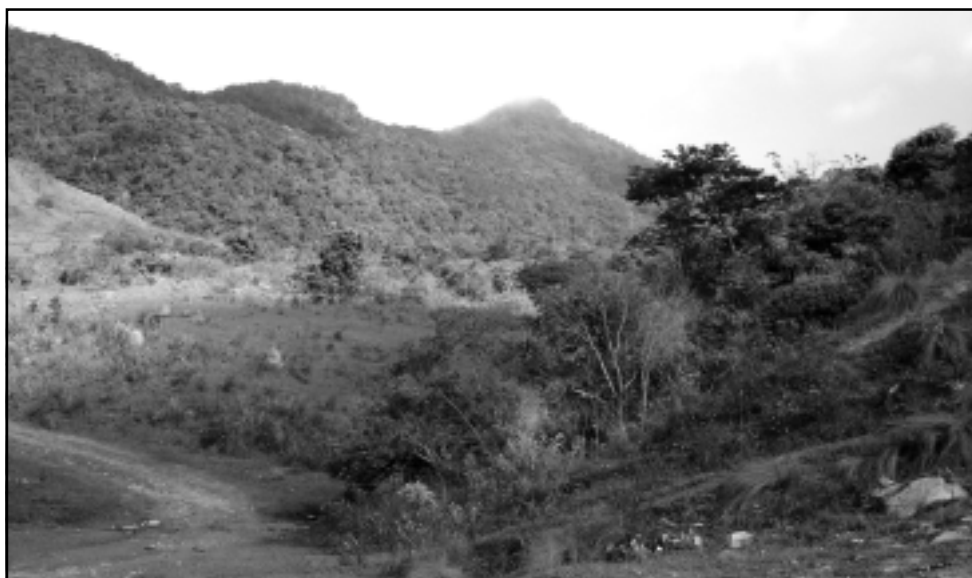
Os recursos hídricos da Bacia do Rio Piquete encontram-se em avançado estágio de degradação. A maioria dos córregos e rios tributários dessa bacia está passando pelo processo de assoreamento de suas calhas devido à ausência de vegetação e conse-qüente erosão de suas terras à montante.

O falso conceito de progresso é o principal agravante. Uma das soluções para essa problemática é preservar as APP's, pois pertencem a um conjunto de paisagens naturais de alto grau de complexidade, frutos de processos geológicos antigos e remodelados por processos de atuação recente. Porém, são frágeis e facilmente degradadas por ações antrópicas.

O real conceito de progresso está intimamente relacionado à capacidade de a população exigir e respeitar os zoneamentos de atividades, assim como à busca por modelos de valorização, preservação e renovação dos recursos naturais. Para os que não têm consciência da complexidade e importância do equilíbrio e estabilidade do ambiente natural, os esforços de pessoas comprometidas com a causa ambiental são tomados como motivo de irritação e ameaça ao desenvolvimento local.

Santos, T. B.





Fotos arquivo Pró-Memória

Área de recarga da microbacia do ribeirão Limeira, onde foram plantadas 17mil mudas de espécies nativas de Mata Atlântica, por meio do projeto elaborado e executado pela Fundação Christiano Rosa.

FCR em atividade com projeto do Limeira

Cedro-rosa, jatobá, ipê-amarelo, ipê-rosa, anjico, pau-dalho, jacarandá, fedegoso, eritrina, pau-ferro, jerivá, manacá-da-serra, quaresmeira, araticum, mulungu, paina, pitanga... Foram 17 mil mudas de mais de 80 espécies da Mata Atlântica plantadas pela Fundação Christiano Rosa (FCR) numa área de 8,13 hectares, nas proximidades das nascentes do ribeirão Limeira, em Piquete, o qual tem sua foz no Paraíba do Sul, em Lorena. Esse plantio foi o início de um ambicioso projeto – “Recuperação de Matas Ciliares na microbacia do Ribeirão Limeira” –, elaborado e coordenado pela FCR.

Financiadas pelo FEHIDRO, as atividades do projeto tiveram início em agosto de 2007. Desde então, já foram feitos o cercamento, a preparação de terreno e o plantio de mudas, tudo com mão-de-obra contratada no município.

Grande parte das mudas plantadas foi formada num viveiro mantido pela FCR com sementes colhidas por Kiko Ribeiro, capaci-

tado pela Fundação em coleta, seleção e produção de mudas. O trabalho de revegetação permitiu, também, a recuperação de quatro nascentes localizadas nessa área.

A segunda etapa do projeto, agora com financiamento do CEIVAP, foi iniciada e tem previsão de término para março de 2008. Serão mais 6 hectares, onde serão plantadas doze mil mudas. Nessa nova área, duas outras nascentes serão recuperadas.

O desdobramento desse plantio por todo o Limeira resultará na formação de um corredor de conectividade entre suas nascentes e a foz.

Essencial ao equilíbrio do meio ambiente, a mata ciliar é uma faixa de vegetação que recobre as áreas adjacentes aos rios, represas e nascentes. A preservação e a recuperação das matas ciliares, aliadas às práticas de conservação e ao manejo adequado do solo, garantem a proteção de um dos mais precisos recursos naturais: a água.



Sinal dos Tempos

Abigayl Lea da Silva

Já houve tempo em que o homem precisava de uma alavanca para mover o mundo.

Depois veio o tempo de Carlitos, Charles Chaplin, em que ao homem bastava uma chave para apertar parafusos.

Neste comecinho de século XXI, com botões (teclas) e bastões (“stich” e “mouse”), o homem se movimenta no universo refestelado em sua poltrona predileta.

Nenhum problema. Recebemos de presente um cofre de neurônios para não deixar a peteca da ciência cair.

E o cofrinho é tão precioso que, até em períodos de grandes perdas para a humanidade, como guerras e catástrofes naturais, a peteca se manteve no ar.

Mas acaba de soar e piscar um alerta em um departamento da galáxia nunca dantes acessado: a competência das crianças para lidar com botões e bastões. Já há pai com medo de que o filho aperte uma tecla, se desintegre e vá reintegrar-se em algum buraco negro.

Em outros tempos, o pai ensinava o filho a ligar o rádio, a acertar a posição das pilhas da lanterna e a dominar a ciência que havia por trás de plugues e tomadas.

Atualmente, exceção feita aos pais enfiados na técnica, são as crianças que comandam o esquema. Os filhos surpreendem os pais “faiando” redondamente no trato com o celular e o DVD.

E vem a célebre questão: os joguinhos de computador prejudicam ou não o estudo das crianças? Podem elas ficar horas a fio resolvendo problemas propostos na tela do computador sem se preocupar com o que se passa ao seu redor?

Na minha dourada infância e não menos dourada adolescência, o problema eram os gibis. Os gibis ou os quadrinhos prejudicavam os estudos – criança viciada em gubi ia mal na escola.

Li todos: de Mandrake ao Fantasma, passando pela Família Marvel e pelos vaqueiros Roy Rogers e Cavaleiro Negro. Sabia de cor todo o vocabulário de Tarzan.

E posso garantir: nunca a minha família recebeu uma queixa sequer de meu desempenho escolar.

Há tempo para tudo: para o esporte, para o estudo e para os joguinhos de computador.

O nosso rico cofrinho de neurônios se adapta às novas circunstâncias.

Aprendamos com as nossas crianças a – para nós – complicada arte de apertar botões e puxar e empurrar bastões.